



150 anos de Freud

DIFERENÇAS: OS GRUPOS NA ESCOLA NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Paula Baracat De Grande

RESUMO

O presente trabalho é resultado de observações feitas em uma escola pública estadual como parte das atividades práticas da disciplina *EL 511 Psicologia e Educação*, ministrada pela professora Dra. Regina Maria de Souza, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A partir da observação de duas classes do primeiro ano do Ensino Médio, notamos a diferença - que fabricaram para si - de dois grupos sócio-culturais, chamados, nesse trabalho, de *nerds* e *descolados*. Tal diferença é analisada pela perspectiva psicanalítica, ao considerar que os alunos reforçam as diferenças entre o grupo ao qual pertencem em relação ao outro grupo a partir do processo de identificação. A identificação envolve a formação do eu, que passa necessariamente pela imagem do outro. Sustentamos que a diferença entre esses grupos influencia na dinâmica da interação em sala de aula e, por isso, deve ser considerada e discutida no âmbito educacional. Nesse trabalho, também salienta-se a questão da identificação das professoras observadas com um grupo em detrimento do outro.

PALAVRAS-CHAVE

Diferença; O outro; Psicanálise de grupos

DIFFERENCES: THE GROUPS AT SCHOOL IN A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

ABSTRACT

This paper work is the result of the observations made in a state public school as a part of the practice activities of the subject EL 511 Psychology and Education taught by professor Dr. Regina Maria de Souza, in Campinas State University (UNICAMP). From the observation of two first year High School classrooms, we noticed a difference that segregates the students in two social-cultural groups named, in this paper work, nerds and populars. This difference is analysed by the psychoanalytic perspective by considering the differences between the group which they belong in relation to the other group inside a identification process. The identification involves the "I" formation that passes necessary by the image of the other. We defend that the difference between those groups influences the dynamic of the classes iteration and, therefore, must be considered and discussed in the educational scope. In this paper, we also emphasizes the question of the identification of the observated teachers with a group and not with the other one.

KEYWORDS

Difference; the Other; Psychoanalysis of groups

INTRODUÇÃO

As diferenças na escola são alvo de extensas discussões, tanto no âmbito governamental como na Universidade. Na grande maioria das vezes, a inclusão das diferenças na escola enfoca a integração dos sujeitos surdos, mudos, cegos ou com alguma outra diferença física ou mental - como sujeitos com síndrome de down - nas escolas comuns.

Quando o tema diferenças foi proposto para o meu grupo na disciplina *EL 511 Psicologia e Educação*, fiquei um pouco resistente, pois nas turmas em que já fazia a pesquisa, não tinha nenhum aluno com alguma diferença física ou mental. No decorrer das discussões das aulas, percebi que o tema *diferenças* poderia abordar qualquer tipo de característica diferente de um ou mais alunos que sobressaísse nas relações em sala de aula. Então, notei uma diferença que divide as duas turmas em que fazia as observações em dois grupos sócio-culturais: os “descolados” ou “populares” dos “nerds” ou “CDFs”.

O interesse desse trabalho é estudar e discutir essa diferença muito presente nas escolas e que influencia a dinâmica da sala de aula. Esses grupos dividem-se notavelmente a partir da puberdade. Os alunos agrupam-se, aproximando-se dos mais semelhantes, ou daqueles com quem pretendem se parecer, negando as características dos outros que não são de seu grupo.

Assim, meu objetivo configurou-se em observar as características de cada grupo, a relação entre eles e a relação entre as professoras e cada um dos grupos para saber se e como essa diferença interfere nas atividades de ensino em sala de aula.

Tais grupos não se diferenciam por marcas físicas, mas sim por características que vou chamar de sócio-culturais, pois envolvem um estilo de vida, desde a roupa que vestem, a música que ouvem, os lugares que freqüentam até o comportamento na e em relação à escola.

As observações que geraram a presente discussão foram feitas numa escola pública estadual, numa cidade do interior paulista. Estive presente em quatro dias diferentes para observar especificamente a questão das diferenças em sala de aula durante quatro horas em cada um dos dias. Estive em duas salas de aula diferentes, ambas as turmas do 1º ano do Ensino Médio. Meu acesso à escola se deu através de um projeto pedagógico desenvolvido

entre um grupo de pesquisadores da Unicamp, do Instituto de Estudos da Linguagem, do qual faço parte, e alguns professores da escola¹.

O método utilizado foi a observação participante. Segundo Mason (1998), a observação participante é um método de geração de dados que pressupõe que o pesquisador possa imergir no quadro de pesquisa, no lugar escolhido para seu desenvolvimento, e, sistematicamente, observar as dimensões desse quadro, como também as interações, as relações e os eventos que possam ocorrer dentro dele. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa também se configura pela análise qualitativa interpretativa.

Em todas as observações que realizei na escola, acompanhei uma doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sendo que as aulas em que estive envolvida foram escolhidas por ela de acordo com as prioridades do projeto pedagógico que está sendo implantado pela parceria Universidade-Escola, cujo objetivo é desenvolver a leitura e escrita crítica dos alunos através da elaboração de um jornal da escola. Por esse motivo, não acompanhei apenas uma professora, mas sim três: uma de Língua Portuguesa, que chamarei de Professora T., outra de História, doravante Professora Z e uma professora de Artes, a Professora S².

Optei por fazer a entrevista com a Profa. T por ela estar mais envolvida com o projeto e por ter estado mais presente em aulas ministradas por ela. A entrevista é fechada, isto é, foi feita em forma de questionário escrito, pois entreguei as perguntas escritas para a professora e ela trouxe-as respondidas para mim. Apesar de ser mais interessante a interação imediata entre entrevistador-entrevistado, tive que optar pelo questionário escrito, porque a Profa. T estava sempre muito ocupada, já que dá aulas em três escolas na cidade.

A RELAÇÃO COM O OUTRO

Para refletir um pouco sobre a relação entre os grupos formados na escola, retomo brevemente as discussões psicanalíticas sobre a relação do indivíduo com o outro.

¹ O grupo de pesquisadores é da área de Linguística Aplicada com a preocupação mais específica com a formação do professor. Acompanho as atividades do grupo na escola desde março de 2006, mas só passei a prestar atenção nas diferenças em sala de aula depois da preparação dos temas dos seminários na disciplina EL 511 Psicologia e Educação com as professoras Regina Maria de Souza e Lilian Nascimento (agosto – novembro de 2006).

² Optei em preservar as professora não colocando seus nomes no trabalho.

Começamos, então, pela questão da identificação, o que remete bastante a questão central de minhas observações.

A identificação é um processo que transforma o externo em interno (nascimento do eu) sendo o *eu* o lugar de desconhecimento. Segundo Lacan (apud KOLTAI, 2000),o

estádio do espelho como um momento identitário inaugural em que a criança pôde reconhecer a si mesma, o que lhe demandou a alienação de si à própria imagem refletida e, ao realizá-la, tornou a figura, que antes lhe mirava como se fosse um estranho, em eu mesma. (SOUZA; GALLO, 2002, p. 52).

Lacan (apud KOLTAI, 2000) sustenta que o sujeito é constituído por aquilo que o aliena, já que a formação do eu passa pela imagem do outro. Segundo Freud (1974), a partir daí, considera-se possível comparar a identificação, não inadequadamente, com a incorporação oral, canibalística da outra pessoa. Dessa forma, o sujeito estará cativado por esse indecifrável desejo do/pelo Outro.

E esse desconhecimento do outro - a esfinge que toda alteridade é - tanto gera a impossibilidade da realização do desejo, mantém a tensão de uma falta, como produz sentimentos ambivalentes de amor e ódio por este outro que não se deixa (re)conhecer. (SOUZA; GALLO, 2002, p. 52).

Notamos que entre os grupos em sala de aula, o outro, ou seja, aquele que pertence ao grupo oposto ao grupo em que eu me encaixo, não se deixa (re)conhecer pelo diferente, o que promove um afastamento nítido entre os grupos.

As relações de amor e ódio pela impossibilidade de (re)conhecer o outro conjuntamente com a criação de grupos, pode gerar o racismo. Por conta do jogo dessa ambivalência é que, para Pontalis (1991), o racismo também pode ser entendido como um amor pelo próprio ódio.

o fenômeno racista só surge quando o "estrangeiro" está na cidade. [...] O racismo encontra suas fontes na oposição entre próprio e estrangeiro [...] mas para expulsar é preciso antes ter ingerido. Só se vomita o que se engoliu. Não há corpo estranho senão dentro do próprio corpo. [...] Depois, já não há no racista oscilação entre atração e medo, essa fascinação confusa pelo estranho e estrangeiro. [...] O racista separa, cliva, há nele um amor pelo seu ódio” (PONTALIS, 1991, p. 39-40).

Enfim, toda a sociedade teria, em sua origem, se baseado na *segregação*, condição para a existência de iguais. No caso em que observei, os *iguais* compõem-se em grupos, propagam suas semelhanças na escola, insistentemente declaram suas diferenças com os outros grupos e arregimentam (mais) *iguais* (discípulos).

Para participar de um grupo, é preciso negar as características do outro. O *estranho* faria retornar tudo o que precisou ter sido deixado, ou alienado, para a composição desse desejo coletivo de se estar junto, o que explica a relação tensa entre nerds e descolados, pois um representa para o outro aquilo que teve que ser reprimido ou alienado para ser igual a certas pessoas e não a outras.

A diferença do outro está em nós de alguma maneira: ou como um desejo reprimido no passado, colocado no esquecimento, ou como uma diferença negada por ser oposta àquilo que encaramos como ideal, àquilo o que devemos ser. A diferença de um grupo para o outro incomoda, pois um representa para o outro aquilo que cada um teve que negar para se identificar com pertencente a um grupo, como um igual daqueles que são nerds ou descolados.

O OUTRO NA ESCOLA: OBSERVAÇÕES E ANÁLISE

Como estive na escola durante seis meses, pude perceber que os alunos, de todas as séries desde a 7ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, se dividem em dois grupos bem marcados, como já disse anteriormente, que resolvi denominar de “nerds” e “descolados”, já que ouvi esses termos serem usados pelos próprios alunos. Dividem-se também por faixa etária.

As diferenças começam pela própria forma de se vestir e se produzir para ir à escola, que, para a maioria dos adolescentes, é mais um lugar de encontro social com seus iguais do que um lugar de estudo e aprendizado. Os *nerds* vão com o uniforme da escola, calça e camiseta, sem nenhum outro acessório que chame a atenção. Algumas meninas usam brincos e pulseiras delicadas. Os meninos não usam boné, os mais velhos não deixam a barba crescer e estão sempre com o cabelo “arrumadinho”, penteado ou com gel. Já o grupo dos *descolados* usam o uniforme, mas nem sempre. Estão sempre usando acessórios, como cintos, brincos grandes (inclusive os meninos), bonés (inclusive as meninas), pulseiras chamativas. Os cabelos das meninas são mais “produzidos” – algumas tingem ou prendem de uma maneira não usual –, os dos meninos são bem desarrumados, a barba dos mais velhos está sempre por fazer.

Essas diferenças de grupo não são só exteriores, pois também refletem no comportamento dos alunos de um ou do outro grupo em sala de aula. E é isso que busquei observar nas aulas das três professoras das primeiras séries do Ensino Médio.

Dividi as análises das observações em quatro cenas, que foram os momentos em que essa diferença interferiu na aula, ao invés de descrever todas as observações, o que tornaria o relato extenso, pouco focado e não muito relevante.

PRIMEIRA CENA

Minha primeira observação enfocando as diferenças em sala de aula se deu numa aula de Artes da Profa. S. Os alunos estavam elaborando slogans e logotipos para a Biblioteca que será construída na escola. A aula era bem livre, ou seja, a professora permitia que os alunos transitassem pela sala, olhassem uns os trabalhos dos outros, viessem até ela para tirar dúvidas. A professora também transitava bastante pela sala, olhando os logotipos que os alunos estavam desenhando e mostrando para mim, fazendo comentários sobre o que precisava melhorar em cada um deles.

Notei que os *nerds* não levantavam de suas carteiras, mesmo sendo permitido pela professora. Só saíam de seus lugares para tirar dúvidas com Sueli. Já os *descolados* não paravam quietos, conversavam entre si, mostravam seus desenhos e iam até os *nerds* para ver os logotipos destes. Em certo momento, um dos *descolados* tirou o caderno de desenho do outro, um *nerd*, e começou a fazer piada com o caderno. Colocou uma blusa de *moleton* de uma colega e começou a desfilá-la com trejeitos afeminados pela classe com o livro do outro na mão, mostrando para os colegas, todos rindo com a insinuação de que o aluno *nerd* seria homossexual devido ao trabalho de desenho bem feito.

A professora demorou a notar o que se passava, já que estava cercada de outros alunos que tiravam dúvidas. Quando percebeu, mandou que a brincadeira parasse. Os alunos devolveram o caderno, mas continuaram a rir. O aluno do qual tiraram o caderno não disse nada. Pegou o caderno de volta e continuou a desenhar.

S. veio me dizer que aquela turma era muito difícil, muito indisciplinada, e que ela precisava negociar com alguns alunos para que ficassem mais quietos enquanto ela dava as aulas mais teóricas e explicativas, diferentes daquela em que eu estava presente. Se eles o fizessem, ela permitia que esses alunos mais indisciplinados ouvissem rap no final da aula.

Contou que uma vez, “trocou” (termo usado pela professora) com esses alunos a atenção e disciplina para que fizessem uma atividade por uma aula em que puderam trazer instrumentos musicais e tocar o que quisessem.

Notamos que a professora S. tenta trazer o interesse dos descolados para as atividades de sala de aula, já que o interesse primordial deles não é o estudo, como é o dos nerds. Há um esforço por parte da professora de integrar todos os alunos em sala de aula. Ela diz que conseguiu mudar bastante sua relação de professora com aquela turma a partir da boa convivência que estabeleceu com ambos os grupos. Isso realmente é percebido nas aulas de S. Porém, a relação entre os integrantes dos grupos continua tensa em alguns momentos, mesmo todos tendo uma boa relação com a professora.

Os nerds são a minoria na sala. São reconhecidos e elogiados pela professora por sempre estarem quietos, prestando atenção na aula e fazendo o que ela pede. Já os descolados, que são a maioria, fazem questão de se diferenciar totalmente dos nerds, tanto no visual como no comportamento. Percebi que às vezes eles fingem não estar prestando atenção na professora, olhando para trás ou para os lados, mas nem sempre estão tão alienados assim. Considero que o comportamento é mais para pertencer ao grupo dos descolados, que não se importam com a escola, que estão ali para se socializar com os seus iguais, e não por não se interessarem pelo que a professora diz.

A situação do professor em sala de aula não pode ser simplificada na imagem ideal de professor que consegue interessar todos os alunos, fazer com que todos participem e sejam disciplinados. A relação de ensino não é polarizada em um sobre o outro, ou seja, o professor não tem o poder de fazer todos quererem aprender. Notamos que a professora S. se esforça para integrar todos, negocia com os alunos, mas não consegue mudá-los a ponto de conseguir que os integrantes dos diferentes grupos tenham uma relação mais tranquila entre si nem de fazer com que todos sejam disciplinados.

SEGUNDA CENA

A segunda vez que as diferenças de grupo interferiram mais notavelmente em sala de aula foi numa aula de História da professora Z na mesma turma de 1ª série do Ensino Médio. A professora estava perguntando sobre uma pesquisa que pedira para que a turma fizesse.

As meninas sentadas na frente e poucos meninos próximos delas começaram a falar sobre o que tinham pesquisado, enquanto o grupo dos descolados, sentados no fundo da classe (a famosa turma do fundão) conversavam entre si, riam, sentados de lado na carteira. A Professora Z. pediu silêncio várias vezes. Os alunos atendiam por pouco tempo, e logo voltavam a conversar entre si.

A cena que gostaria de focalizar dessa aula se deu quando uma das meninas do grupo dos descolados começou a falar sobre o que ela tinha pesquisado. Os outros de seu grupo, sentados próximos a ela, começaram a tirar sarro, a chamá-la por apelidos que remetiam aos *nerds*. Ela xingava os colegas e continuava a ler sua pesquisa. Mesmo quando ela terminou de ler, os colegas não pararam de tirar sarro por ela ter feito a pesquisa como os *nerds*. Ela xingou-os mais uma vez, virou para frente e ficou com a cara fechada, sem dizer mais nada.

Notamos nessa cena de sala de aula que um integrante do grupo dos descolados que quer se encaixar no que é considerado ser um bom aluno, que faz as tarefas de casa, é discriminado pelos outros de seu grupo, pelo fato de afastar-se de uma característica que marca a diferença entre os grupos.

Ao perceber que a menina do grupo dos descolados queria participar da aula, a professora Z deu mais atenção a ela, fazendo perguntas sobre sua pesquisa e tentando estimulá-la, mandando os colegas ficarem quietos. A atitude de Z em relação aos grupos é diferente da de S. Na maioria das aulas, pareceu-me que ela só estabelecia relação com os *nerds*; só eram seus interlocutores os já interessados em sua aula, sem demonstrar nenhuma preocupação em interagir com os descolados e integrá-los na aula. A única vez que isso aconteceu foi quando a própria aluna descolada mostrou interesse pela atividade, o que foi reconhecido e valorizado de imediato pela professora.

Os grupos - não só esses dois que observei, mas quaisquer grupos sócio-culturais (*skatistas*, *punks*, *torcedores de um time etc*) – constroem características que os diferenciam dos outros, sendo que cada indivíduo do grupo reforça essas características para se identificar com quem deseja que sejam seus iguais. Os descolados não querem ser confundidos com os *nerds*, o que explica a reação dos integrantes do grupo quando um deles afirmou ter feito a tarefa, o que só é feito pelos *nerds*.

Os nerds também querem se afirmar enquanto grupo na medida em que não se misturam com os descolados, sentam sempre nas primeiras carteiras da sala e sempre fazem todas as atividades propostas pelas professoras, independentemente de qual seja, se orgulhando dos elogios que recebem das professoras. Essas construções são, na verdade, as formas com que cada um constitui sua imagem em relação ao outro.

TERCEIRA CENA

As aulas que observei da Professora de Língua Portuguesa, T, foram em outra turma do primeiro ano do Ensino Médio. Mas as características marcantes que diferenciam um grupo do outro se mantêm em todas as turmas a que tive acesso.

Numa aula que envolvia o desenvolvimento do projeto temático de elaboração de um jornal para a escola, a pesquisadora da Unicamp, doutoranda do IEL, propôs aos alunos uma atividade de debate oral, dividindo a sala em dois grupos, como uma forma de eles usarem a linguagem para a argumentação sobre algum tema, sabendo responder aos contra-argumentos que surgissem.

Tanto a divisão dos grupos quanto a escolha de um tema para o debate foram feitas pelos alunos. Os grupos se dividiram em nerds e descolados no momento em que a atividade foi proposta. O tema surgiu da pergunta da pesquisadora: qual seria um tema polêmico da escola deles naquele momento? Respondem que é a proibição do uso do boné dentro da sala de aula.

Dessa forma, os descolados eram contra a proibição e os nerds a favor. A divisão e o posicionamento imediatos dos grupos mostram como os alunos marcam as diferenças entre os grupos em sala de aula, o que era nítido no debate. Os nerds apóiam a direção da escola, que proíbe o uso do boné, da mesma forma que prestam atenção às aulas, não fazem bagunça no pátio, não pedem para ouvir rap na sala etc. Os descolados querem “liberdade” na escola, pois se sentem reprimidos nela; querem usar o boné e marcar seu espaço e suas características como grupo que se opõe a ordem escolar.

QUARTA CENA

A última observação se deu numa aula dupla da professora T. Muitos alunos faltaram naquele dia e T explicou-me que toda sexta-feira aumenta muito o número de ausências.

Nas duas aulas, a pesquisadora da Unicamp deu continuidade ao trabalho de desenvolver o jornal da escola juntamente com a professora. Elas introduziram o gênero artigo de opinião.

Como a sala estava bem vazia, pude notar que os alunos se dividiam em dois grupos claros, com um vazio no meio da sala. Como a atividade parecia extensa, as professoras decidem pedir a outra professora, de inglês, para ceder sua aula naquela turma. A professora cedeu a aula e então observei 3 aulas seguidas na mesma sala.

Os descolados reclamam da mudança de aula. T diz que, já que eles querem ter aula de inglês, ela voltaria atrás e falaria novamente com a professora de inglês para ela dar aula. Assim que ela propõe desfazer a troca de aulas, os alunos voltam atrás e começam a reclamar da aula da professora de inglês. Ou seja, faz parte do comportamento do grupo não apoiar a professora, não concordar de imediato com ela nunca.

Na explicação sobre o artigo de opinião, a pesquisadora explica que é preciso ter um tema polêmico para escrever nesse gênero. Diz que “não tem utilidade fazer um artigo de opinião sobre a Terra ser redonda. Já foi provado cientificamente”. Um dos descolados diz em seguida “Pensei que fosse quadrada... Não é quadrada?” e todos do grupo riem. Isso demonstra bem a postura dos integrantes do grupo dos descolados em todas as aulas que observei. Eles sempre discordam ou satirizam quem está dando aula, parecem debochar das professoras e da escola. Nota-se isso também a partir do modo que se portam em sala, virados de lado na carteira ou deitados nela.

Mas isso não quer dizer que eles não prestem atenção na aula. Quando a atividade de leitura de artigos de opinião em grupos foi proposta pela pesquisadora, mesmo enrolando para começar a leitura e discussão, os descolados fizeram comentários tão pertinentes quanto os nerds sobre as características do gênero que perceberam na leitura.

A grande diferença está em relação à ordem da escola e quem a representa. Os nerds respeitam essa ordem, respeitam as professoras e o espaço escolar. Os descolados fazem questão de mostrar que não aceitam a ordem imposta pela escola, tanto na relação

com as professoras como com o próprio espaço: são eles que riscam com canetas as carteiras, as janelas e as portas.

A mesma situação da segunda cena se repete de maneira diferente nessa aula. Um dos descolados ajuda a professora T a carregar seu material. O outro logo o chama de ‘puxa-saco’, pois essa atitude o afastaria das características do grupo dos descolados.

Durante a atividade, enquanto os nerds querem fazer o que foi pedido, as meninas do grupo dos descolados conversam sobre as “baladas” do final de semana, decidindo como vão conseguir entrar num local em que só entram maiores de 18 anos.

O final da aula também é sintomático. Dez minutos antes de terminar a aula, os descolados já estão com o material arrumado para sair e ficam pressionando as professoras para poderem sair antes. Os nerds só se levantam quando as professoras os dispensam.

A atitude da professora T em relação a essa diferença de grupo na sala de aula é relativamente tranqüila. Ela consegue dar atenção a todos, de acordo com o grupo a que o aluno pertence, mas, como percebe o interesse maior de um determinado grupo de alunos, acaba por estimulá-los mais nas atividades. Nota-se isso quando a pesquisadora sugere alguma atividade com só alguns alunos: a professora T sempre escolhe os mesmos, do grupo dos nerds, independentemente do tipo de atividade. Ela também usa de sua autoridade para impor aos descolados as atividades que devem ser feitas em sala, pois ela dá pontos positivos para quem participa, o que interferirá na nota bimestral de cada aluno.

Não podemos condenar a professora T, nem qualquer outro professor, por direcionar a aula mais para os que já se mostram interessados nela. Temos que considerar que a professora tem uma auto-estima que só é estimulada positivamente pelos nerds. Além disso, a profissão de professor no Brasil passou por um processo de grande desprestígio, tanto econômico quanto social, o que faz com que os professores criem mecanismos para sobreviver em suas profissões, o que acontece com a resposta positiva que têm por parte dos alunos mais interessados.

A estratégia dos professores de dar aulas só para os nerds pode servir para aumentar sua auto-estima profissional, mas acaba sancionando a atitude dos descolados de se diferenciarem, marcarem sua *estrangeiridade* no sistema escolar. Além disso, no caso da escola que observei, a diretora é considerada muito autoritária pelos alunos, o que pode ser um elemento que explique o grande número de alunos que reagem contra a norma escolar.

A DIFERENÇA NA VISÃO DA PROFESSORA

Realizei uma entrevista com a professora T, uma das professoras observadas. A entrevista, como já dito anteriormente, foi fechada. Gostaria de comentar algumas questões que me chamaram a atenção.

Na terceira pergunta feita sobre se existem ou não diferenças significativas de algumas crianças em relação a outras ou de um grupo de alunos em relação a outros, a professora responde que elas existem. Quando se pede para especificar a diferença, ela afirma que a diferença é que alguns alunos apresentam maior facilidade de aprendizagem enquanto outros possuem dificuldades em aprender certas coisas. Afirma que “os alunos com dificuldade devem ser estimulados”, mas ela não aponta espontaneamente a diferença entre os grupos que eu notei em sala de aula.

A quinta pergunta, mais direcionada à questão das diferenças dos grupos, faz com que ela responda que existem diferentes grupos como o dos “interessados” ou daqueles que “demonstram interesses específicos a determinadas causas”.

Mesmo percebendo a diferença entre grupos, a professora afirma que isso não interfere no processo de aprendizagem nem em sua relação com os alunos. Todavia, notei em minhas observações que a relação de T, como também das outras professoras, é melhor e mais produtiva com o grupo dos nerds.

T afirma, contudo, que essa diferença interfere na relação entre os alunos, pois “eles às vezes não aceitam o radicalismo de seus colegas”. A partir da relação que estabeleci com T e do restante da entrevista, infiro que o radicalismo é dos descolados, que não são aceitos pelos nerds por se oporem à norma escolar.

Entretanto, apesar de negar a influência dessa diferença em sala de aula, a professora toma atitudes para discuti-la, como debates sobre questões polêmicas para os alunos, que têm a ver com a caracterização dos grupos, como um debate sobre tatuagens e piercings, que seriam marcas dos descolados. Isso me parece um aspecto positivo na prática da professora, pois ela consegue dar voz aos diferentes grupos, interessar a todos e desenvolver uma atividade com uma função social concreta e relevante.

A dificuldade de lidar com alunos desinteressados numa realidade já tão difícil para o professor enquanto profissional não reconhecido e desvalorizado está presente na resposta

de T à décima pergunta. Ela afirma que às vezes os grupos atrapalham o andamento da aula por tenderem “a fechar o círculo”, o que impede que a professora os integre nas aulas.

Questionada sobre a política de inclusão do MEC, a professora não concorda e diz que “os professores não foram preparados para lidar com diferenças específicas, como deficiências auditivas ou visuais, mas, como a diferença de grupos não interfere, os professores seriam preparados para lidar com ela”. Isso pode apontar para uma certa naturalização da diferença cultural existente na sala de aula, o que pode ter conseqüências negativas, pois a diferença existe e é reafirmada pelos alunos de cada grupo.

Considero que a professora tem um olhar direcionado para as diferenças em sala de aula, pois na última questão afirma que as turmas são sempre heterogêneas e que é papel do professor perceber as dificuldades dos alunos, ou seja, já há um discurso pronto sobre a heterogeneidade e a diferença, porém este não influencia muito a ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações que fiz na escola pública estadual, pude perceber que a diferença entre os grupos é constitutiva do ambiente escolar, o que é marcado pelos alunos claramente. Eles parecem fazer questão de enfatizar a que grupo pertencem, principalmente os descolados. Considero que esse esforço maior dos descolados para se diferenciarem vem do fato de não se encaixarem no estereótipo de bom aluno que a escola impõe, por não se identificarem com a norma vigente na escola.

Concomitante ao fato de que os *nerds* são mais valorizados pela escola (professores e diretores), os *descolados* são os mais admirados entre os alunos. Eles são os populares, os que se destacam na hora do intervalo, os que fazem a turma rir durante a aula. Os próprios *nerds* demonstram uma admiração pelos descolados, ao mesmo tempo que se incomodam quando eles atrapalham o andamento das aulas.

A relação tensa entre *nerds* e *descolados* pode ser explicada como manifestações de racismo. Segundo Souza (2003), o racismo pode ser explicado como efeitos de olhar em um duplo sentido, sendo o primeiro deles aquilo que de especular reconhecemos no Outro, ou seja, o que de nós mesmos, reprimido e colocado no esquecimento, vemos no outro, o que, conseqüentemente, faz nascer em nós afetos ambivalentes de amor e ódio.

Essa relação entre os grupos observados é entendida como efeito do olhar espectral quando olhamos o outro, quando (re)conhecemos no outro aquilo que alienamos em nós mesmos. O outro mostra os resquícios do que nos foi um dia familiar, mas que sofreu recusa, interdição ou castração simbólica em momentos anteriores de nossa vida em sociedade. Para ser um *nerd*, foi preciso ao aluno recusar características suas que estão nos descolados – e vice-versa. Ao desenvolver suas considerações sobre o racismo, Souza (2003) afirma que:

No rastro de tais considerações, parece-me que aquilo que não podemos ouvir ou ver não é senão, nesta óptica, o nosso próprio desejo e/ou ódio que o outro faz desvelar do Outro em nós. Para parafrasear um grande escritor, o ódio/amor é sempre nosso. Desse modo, o racismo, tal como sombras siamesas, se contorce no inconsciente, entendido pela psicanálise, como nossa própria imagem esquecida, forma de discurso que denuncia nossa incompletude, que faz retornar o ódio das recusas que sofremos ou a memória dos futuros que interdítamos. Formas diversas de felicidade e/ou de ser humado que o outro me faz (re)ver. (SOUZA, 2003, p. 13).

A diferença, como a dos grupos, não pode ser ignorada pelos professores. Também não é possível tentar apagá-las, tentar tornar todos os alunos iguais, impondo a autoridade e a norma escolar. Pelas observações, pude notar que a Profa. S. e a Profa. T. tentavam interessar todos os alunos e realizaram atividades produtivas em sala de aula quando negociaram com os dois grupos, tentando criar interesse em todos os alunos a partir de diferentes propostas para o desenvolvimento dessas atividades, o que não aconteceu nas aulas da professora Z. em que estive presente.

A proposta do debate na aula da professora T, que surgiu pela sugestão da doutoranda, a qual percebeu a pertinência do tema e levou as leituras aos alunos, interessou muito todos os alunos, pois eles puderam colocar suas opiniões livremente, podendo debater com respeito uns com os outros sobre uma questão polêmica real na escola. Nota-se que, mesmo sendo uma idéia da pesquisadora, a professora se interessou e se dedicou a sua execução. Como o debate era organizado, com o tempo certo para cada grupo, todos tiveram o mesmo direito de falar, de se expressar e de ocupar um lugar igual na sala de aula, tendo suas diferenças respeitadas.

As observações mostram que, como professores, devemos estar atentos às diferenças em sala de aula para sabermos respeitá-las e criar um ambiente de aprendizagem em que todos os alunos possam participar e se interessar. Contudo, não podemos esquecer que os professores são seres humanos e que é normal que se sintam melhor com o grupo de

alunos que mostram interesse e respeito pelo seu trabalho, o que explica e justifica alguns momentos em que as professoras não conseguem integrar todos nas atividades e nem se esforçam muito para isso. Às vezes é muito complicado entrar em um embate com os alunos quando eles se negam a participar das aulas devido à postura de afirmação de características para se identificar como pertencente a um grupo, para delimitar uma imagem para si mesmo, negando a imagem do outro.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise; a historia do movimento psicanalítico; esboço de psicanálise**, seleção de Jayme Salomão. Textos escolhidos / Ivan Petrovich Pavlov; seleção de Rachel Moreno. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KOLTAI, C. **Política e psicanálise: o estrangeiro**. São Paulo: Escuta, 2000.

MASON, J. **Qualitative Researching**. London, England: SAGE Publications, 1998.

PONTALIS, J.B. Uma cara que não agrada. PONTALIS, J.B. **Perder de vista**, Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SOUZA, R. M; GALLO, S. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, n.79, ano 23, p.39-63, ago. 2002.

SOUZA, R. M. O olhar e esses seres anormais: notas, um tanto desencontradas, sobre o racismo em nós. **Ponto de Vista**, n. 5, p. 13-36, 2003.

PAULA BARACAT DE GRANDE

Estudante de Graduação de Letras
Pesquisadora de Iniciação Científica, com bolsa CNPq, no âmbito do
Projeto Temático FAPESP - *Formação do Professor: processo de
retextualização e práticas de letramento*, coordenado pela Profa. Dra.
Angela B. Kleiman, professora titular do Departamento de Linguística
Aplicada da Unicamp. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP);
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)
Email: pauladegrande@gmail.com

Artigo recebido em: 25/09/2006
Artigo para publicação em: 27/12/2006